

EDUCAÇÃO E MEMÓRIA: PROPOSTA PARA UM MUSEU NA UFU

Mônica Chaves Abdala*

I

De início, faz-se necessário esclarecer que esta proposta se insere em uma outra mais ampla, a saber, aquela referente à "Implantação do Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais" (NUHCIS), elaborada pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

O NUHCIS, através de quatro propostas iniciais de trabalho¹, vem procurando proporcionar atividades de extensão, na medida em que a UFU tem se configurado como importante centro polarizador de debates na região. Ainda, tem sido preocupação central do NUHCIS desenvolver a produção de conhecimento, atividade fundamental à melhoria da qualidade do ensino e à própria existência da universidade.

A reflexão que aqui será desenvolvida, ao expormos a proposta de organização de um acervo visando futura montagem de um museu, inspira-se sobretudo na necessidade de se buscar caminhos para a realização da atividade pedagógica. Esta preocupação surge frente à forte resistência ao debate, à discussão de leituras importantes mas áridas, que muitas vezes assistimos por parte de nossos alunos. Esta resistência, a nosso ver, tem suas raízes no hábito ao domínio da imagem que acaba por dispensar o discurso, como acontece na T.V. e no vídeo-clip; no hábito ao domínio do som barulhento do rock ou discoteque cujas letras nem sempre entendem; na velocidade e imediatismo da informação veiculada pela mídia; numa educação formal que não estimula à reflexão, à criatividade. Enfim, a lista é enorme e inesgotável e não pretendemos nos deter na análise das causas dessa resistência, no momento.

Através da divulgação desta proposta, esperamos contar com as contribuições críticas, necessárias ao bom desempenho da atividade acadêmica, e com adesões que venham a possibilitar a efetivação da proposta como um todo.

* Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFU.

- Esta comunicação é parte de uma outra mais ampla intitulada "Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais".

1. "História Política de Uberlândia 1948-1982" - "Imagens fotográficas de Uberlândia ontem e hoje - o patrimônio histórico municipal" - "Pró-Memória UFU - Arquivo Histórico da Universidade Federal de Uberlândia" - "Organização de Acervo Etnográfico na Área de Cultura Indígena.

II

O trabalho com coleções etnográficas doadas para a UFU ou adquiridas por ela vem nos possibilitar a abertura de importante frente de pesquisa e extensão no que concerne ao nosso patrimônio histórico e à preservação e divulgação da memória histórico-cultural de nosso país. A abertura ao público desta importante forma de comunicação que é o museu, na medida que este envolve exposição de objetos que nos remetem ao contexto sócio-cultural em que foram produzidos, possibilita um confronto com a concentração de informações tão presente nos chamados meios de comunicação de massa. Isto porque pretendemos abrir espaço para um centro polarizador de debates, que embora lidando com um objeto restrito, cultura material indígena, propõe-se a recuperar a noção de processo que nos é roubada pela informação pronta e acabada da mídia. É preciso descentralizar o registro da memória, impedir monopolização de informações por grupos que as manipulam em prol de interesses próprios. Desta forma, possibilita-se a recuperação de um sem número de códigos culturais, de um "vasto complexo de conhecimentos não oficiais, não institucionalizados, que ainda não se cristalizaram em tradições formais... que de algum modo representam a consciência coletiva de grupos inteiros..."².

Assim, fica claro que democratizar a memória vai além do fato de atingir um maior número de pessoas, mas tem a ver com a forma como o processo é desencadeado. No caso dos grupos indígenas, entendemos que uma nova concepção de museu que seja dinâmico, instrumento vivo de informação e de educação, abre um espaço de questionamento de preconceitos e estereótipos que envolvem as informações normalmente divulgadas sobre estes grupos, o que implica em ampliarmos o debate sobre a etnologia, assim como sobre a polêmica questão da identidade e cultura nacionais. Refletir sobre o etnocentrismo e a perspectiva de "relativização" implica na dúvida acerca do familiar, que representa exercício de fundamental importância para uma percepção crítica da realidade que nos cerca, e que nos permite o conhecimento do outro.

No caso específico que apontamos, esta reflexão e este exercício devem ser buscados sob pena de que, se não o fizermos, veremos comprometida a função educacional que nos propomos atingir. Para tanto, devemos nos instrumentalizar, promovendo encontros e debates, no sentido de percebermos o nível e qualidade do aprendizado sobre nossa formação cultural e sobre a situação dos povos indígenas brasileiros. Neste sentido é fundamental possibilitar a escolares, professores, e público de maneira geral, o contato com material bibliográfico, audio-visual e com o próprio artesanato.

2. Jacques LE GOFF. Memória. In: Enciclopédia Einaudi vol. 1, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. p. 47.

Um ponto importante, que não poderíamos desconsiderar, nos aponta Berta Ribeiro em seu "Plano Diretor" para montagem do Museu do Índio de Brasília: a consulta a acervos etnográficos "se fará cada vez mais imperiosa para os próprios índios, à medida em que avançarem no processo de aculturação e sentirem a necessidade de recuperar seu patrimônio ancestral representado pelo sistema de objetos de cada cultura".³ Acrescenta Berta Ribeiro que isto já ocorre em tribos mais aculturadas do Nordeste e do Sul do país, que solicitam reproduções de registros iconográficos de monografias etnográficas para observarem como eram feitos os antigos artefatos, que acabam sendo reproduzidos para a venda ou mesmo para uso interno.

III

Diante do que acabamos de expor, gostaríamos de enfatizar que, além do incentivo ao debate sobre a questão indígena, um dos resultados que esperamos é a formação de pessoal capacitado para o tratamento das questões que aqui formulamos, que têm sido pouco conhecidas e pouco consideradas, o fato para cuja mudança pretendemos contribuir. Desta forma, o acervo, inicialmente, e depois o museu têm a potencialidade de servir como um verdadeiro laboratório de ensino, incentivando um ramo da Antropologia que permite ligações interessantes com outras áreas afins, a saber, o estudo da cultura material. Esta ligação se faz sentir, por exemplo, na possibilidade de contribuímos para a formação de pedagogos, apresentando-lhes o trabalho com a importante forma de informação e alternativa educacional que é o acervo. Na elaboração de material didático específico, não só pedagogos e antropólogos, como outros profissionais podem interessar-se: profissionais de letras, sociólogos, historiadores, etc. A questão específica da cultura material tem interessado aos mais diversos ramos das Artes Plásticas, e mesmo no curso de Decoração da Universidade Federal de Uberlândia, ao discutirmos a problemática da organização e percepção do espaço, temos nos proposto à "percepção do outro" que envolve o estudo das habitações indígenas. Este mesmo tema tem interessado arquitetos e geógrafos. Sem pretendemos alongar-nos demasiadamente, lembramos ainda a importância do estudo e resgate da memória para profissionais de história e sociologia.

Acrescentaríamos também, em decorrência dos objetivos propostos, que acreditamos que a centralização e organização de peças, documentos e informações serão de inestimável utilidade para a comunidade Uberlandense, sobretudo no que concerne às constantes solicitações das escolas e meios de comunicação. Num futuro bem próximo, esperamos poder funcionar como catalizadores da reflexão sobre a questão indígena, engrossando as fileiras das entidades de apoio, e recebendo os próprios grupos indígenas na tentativa de fazer do acervo uma expressão dos anseios destes e um espaço de discussão deles com a comunidade.

3. Berta G. RIBEIRO. Museu do Índio de Brasília: plano diretor. Brasília, Mar. 1986. (Mimeo)

Propomo-nos, ainda, a trabalhar com as noções de acervo, coleção e museu, pesquisando a este respeito, no sentido de possibilitarmos as bases para a futura formação de um bem organizado museu, nos termos do ICOM (The International Council of Museums) e do Programa Nacional de Museus.

IV

Até o momento, não pudemos concretizar plenamente nossa proposta de informação e educação para a comunidade. Estamos efetuando o trabalho de base, preliminar a qualquer exposição ou apresentação ao público, que consiste sobretudo na catalogação e conservação das peças do acervo.

Com relação à catalogação, adiantamos que está parcialmente realizada em fichas apropriadas, seguindo o modelo da seção de Etnologia do Museu Paulista da USP.

A conservação de plumária, adomos, cerâmica e tecelagem está concluída. Para a continuidade do trabalho, com peças de madeira e cestaria, assim como acondicionamento adequado das peças, aguardamos liberação de recursos e espaço físico, o que esperamos conseguir até final de maio de 1987.

Esclarecemos, também, que a montagem de mostras ou exposições está condicionada, como no caso acima mencionado, à liberação de recursos, fato que impossibilitou sua realização até o momento.

No que diz respeito ao material bibliográfico, conseguimos formar uma base significativa de conhecimentos para o início de nossas atividades, com doações e aquisições predominantemente na área de organização de acervos e em menor número relativas aos povos indígenas brasileiros. Temos ainda a conseguir grande parte do material, sendo que muitos livros são estrangeiros, portanto de acesso mais difícil.

Recentemente, foi adquirida pela UFU uma coleção de Plumária Erigpagtsa, do médio Juruena, Mato Grosso, que nos possibilitará montagem de uma exposição permanente, o que terá como pressuposto a elaboração de um novo projeto.